



## SAÚDE MENTAL DO(A) TRABALHADOR(A) E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E RECONHECIMENTO SOCIAL NO EXTREMO SUL CATARINENSE

Lauren Marfil Marins<sup>1</sup> - Universidade do Extremo Sul Catarinense  
Caroline da Graça Jacques<sup>2</sup> - Universidade do Extremo Sul Catarinense  
Dimas de Oliveira Estevam<sup>3</sup> - Universidade do Extremo Sul Catarinense

### Resumo:

A economia solidária (ES) é um movimento social cuja trajetória reflete as lutas históricas dos(as) trabalhadores(as) aos processos de alienação e exploração do trabalho. Por isso, a ES configura-se como uma alternativa geradora de trabalho, renda e inclusão social, envolvendo diversas práticas econômicas e sociais, através do trabalho colaborativo, exercido em funções de produção, troca, prestação de serviços, consumo solidário e comércio justo. Embora a ES esteja inserida no sistema social mercantil individualista, suas práticas acontecem através de relações sociais diretas, em que o(a) produtor(a) exerce contato direto com o(a) consumidor(a), através de cadeias curtas de produção e consumo, criando laços solidários entre os(as) atores sociais. Com base nos princípios da ES, na Unesc (Universidade do Extremo Sul Catarinense), em 2010, foi criada a Feira de Economia Solidária (FES/Unesc), numa iniciativa de professores(as) e acadêmicos(as) vinculados(as) ao Programa de Ações em Economia Solidária (PAES). Desta forma, o artigo busca compreender as relações existentes entre o reconhecimento, saúde mental e as relações de trabalho no cotidiano dos(as) trabalhadores(as) da FES/Unesc. Tendo como objetivo investigar como os(as) participantes enfrentam suas dificuldades no que se refere à saúde mental, como esses desafios impactam os espaços de comercialização e quais são as motivações que movem suas ações. Como procedimentos metodológicos foram entrevistados(as) 09 dos/as 17 feirantes da FES/Unesc, por meio de um roteiro com perguntas abertas, durante o primeiro semestre de 2022. Conclui-se que por meio da ES e pelo modo diferenciado de trabalho e obtenção de renda tem sido capaz de promover mudanças positivas no cotidiano, no bem-viver, na qualidade de vida, na saúde coletiva, no reconhecimento e a autorrealização dos/as feirantes(as).

**Palavras-chave:** Economia Solidária. Reconhecimento. Saúde Mental. Inclusão Social.

**Abstract:** Solidarity economy (SE) is a social movement whose trajectory reflects the historical struggles of workers against the processes of alienation and social exploitation of work. Therefore, ES is configured as an alternative generator of work, income and social inclusion, involving various economic and social practices, through collaborative work, exercised in functions of production, exchange, provision of services, solidary consumption and fair trade. Although SE is inserted in the individualistic mercantile social system, its practices happen through direct social relations, in which the producer has direct contact with the consumer (through short chains of production and consumption), creating solidarity ties between social actors. Based on ES principles, at Unesc (University of the Extreme South of Santa Catarina), in 2010, the Unesc Solidarity Economy Fair (FES/Unesc) was created, in an initiative of professors and academics linked ) to the Program of

<sup>1</sup> Graduanda em Medicina. Bolsista de Extensão. E-mail: laurenmarfil@unesc.net

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia Política. Docente na Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: carolinejacques@unesc.net

<sup>3</sup> Doutor em Sociologia Política. Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Unesc. E-mail: [doe@unesc.net](mailto:doe@unesc.net)

Esse artigo é resultado do Edital N° 196/2022 - Programa de grupos de pesquisa 2022-2024 - Grupo de Pesquisa e Extensão Interdisciplinar em Desenvolvimento Socioeconômico, Agricultura Familiar e Educação do Campo (GIDAFEC) UNESC-CNPq e do Edital n° 358/2020 - Processo de Seleção de Projetos de Extensão



Actions in Solidarity Economy (PAES). In this way, the article seeks to understand the existing relationships between recognition, mental health and work relationships in the daily life of FES/Unesc workers. Aiming to investigate how the participants face their difficulties with regard to mental health, how these challenges impact commercial spaces and what are the motivations that move their actions. As methodological procedures, 09 of the 15 FES/Unesc stallholders were interviewed, through a script with open questions, during the first half of 2022. It is concluded that through ES and the different way of working and earning income has been able to promote significant positive changes in everyday life, well-being, quality of life and collective health, recognition and self-realization of the stallholders.

**Keywords:** Solidarity Economy. Recognition. Mental Health. Social Inclusion.

### 1. Introdução

A Economia Solidária é um modelo de produção, gestão e comercialização cujo resultado fundamental é a inclusão social através da geração de trabalho e renda. Surge como alternativa à lógica capitalista, ainda no século XIX, para os grupos excluídos da população das sociedades industriais da época. No século XXI, mulheres, agricultores (as) familiares, artesãos(ãs), imigrantes, trabalhadores(as) informais, minorias étnicas, dentre outros, integram Empreendimentos de Economia Solidária (ESS), cujos valores estão orientados pelo cooperativismo, a saber: a solidariedade, adesão voluntária e esclarecida, participação democrática coletiva, autogestão, cooperação, intercooperação, promoção do desenvolvimento humano, atenção à natureza, atenção à comunidade, produção e consumo éticos. (Singer, 2002; Dal Magro; Coutinho, 2008; Filizola *et al.*, 2011).

Como um sistema alternativo de produção, no Brasil, a prática surge a partir de 1932, quando foi promulgada a lei básica do cooperativismo. Contudo, os (as) pesquisadores (as) da área são consensuais em afirmar que é a partir da década de 1990 que o debate público e as práticas em torno dos empreendimentos cooperativos e da economia solidária ganham destaque. De fato, é a partir deste período que a crise estrutural do capitalismo aliada ao processo de desindustrialização e reestruturação produtiva impactou fortemente o crescimento do desemprego e na geração de postos de trabalho informais, parciais e temporários. Este contexto social mais amplo promoveu a criação de estratégias para a formação dos EESs capazes de oportunizar a inclusão social através da geração de trabalho e renda para as parcelas da população excluídas do mercado de trabalho capitalista formal.

Em que pese as pesquisas realizadas para a compreensão da Economia Solidária como um modelo alternativo ao capitalismo, poucos são os estudos que se propõem a investigar as conexões entre economia solidária, as relações de trabalho, os processos de reconhecimento social e os impactos para saúde mental. Trata-se, portanto de uma lacuna de



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

pesquisa. Assim, o objetivo do artigo é analisar como a inclusão e participação dos (as) trabalhadores (as) nos EES e nas feiras de economia solidária impacta no processo de reconhecimento social e na saúde mental dos indivíduos envolvidos.

O conceito de reconhecimento é bastante difundido na teoria social contemporânea pelos estudos de Charles Taylor e Axel Honneth. Contudo, sua gênese remete aos escritos de Hegel que enfatizam a formação ética do espírito humano em um contexto marcado pelo processo de socialização. Contrapondo-se às visões atomista e instrumental de Thomas Hobbes e Maquiavel, para quem as ações humanas são movidas por imperativos de poder e baseadas em ações racionais e estratégicas, Hegel (1993) entende o reconhecimento enquanto um construto para a autorrealização. O reconhecimento é um processo de construção social e política, intrinsecamente intersubjetivo e se desenvolve como um reflexo das lutas para a sua realização, ou seja, na arena social. Trata-se, portanto, dos anseios e dos esforços que mobilizam os indivíduos em direção às lutas pelo reconhecimento, com desdobramentos nas transformações morais da sociedade e de seu modo de organização.

De modo semelhante, Singer (2002) esclarece que a Economia Solidária possui objetivos e finalidades que envolvem o campo social, econômico, político, ecológico e cultural da sociedade. Isto porque, além da perspectiva da reprodução social via geração de trabalho e renda, a Economia Solidária se projeta no espaço público no qual está inserida, tendo como perspectiva a construção do desenvolvimento através de um ambiente ético, socialmente mais justo e sustentável. Os espaços públicos ocupados pelas práticas sociais da Economia Solidária são conhecidos como “Feiras de Economia Solidária”. Trata-se, portanto, de formas alternativas de interação entre produtores e consumidores, de mercados socialmente construídos que reconecta a produção e o consumo. Lócus que permite engendrar diferentes relacionamentos entre produtores e consumidores, como confiança, amizade e solidariedade, as feiras de economia solidária permitem o estabelecimento de distintas convenções e construções sobre qualidade dos produtos comercializados (Ferrari, 2014).

Portanto, nosso ponto de partida é de que a inclusão social e produtiva operada pela economia solidária só é possível uma vez que os sujeitos envolvidos se sentem socialmente reconhecidos. Nesse sentido, esse processo de reconhecimento que se dá pela economia solidária como um meio de produção, gestão e comercialização, tem impactos na saúde mental dos sujeitos envolvidos porque se relaciona com um processo social e político mais amplo relacionado com o reconhecimento intersubjetivo. Assim, entende-se que a saúde



mental é muito mais do que a mera inexistência de doenças mentais. Implica em uma disposição de saúde e habilidades sociais capazes de enfrentar os desafios e as mudanças da vida cotidiana com equilíbrio. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1948), o conceito de saúde mental é definido como “um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a comunidade”. Ser produtivo, nessa visão, diz respeito não só a ser funcional no trabalho ou ocupação, mas também ser capaz de desempenhar as várias funções que se tem na vida.

Além dessa introdução, na qual foram apresentados o referencial teórico da pesquisa, o objeto de estudo e os conceitos fundamentais que embasaram a investigação, o artigo está dividido em mais três seções, a saber: métodos de pesquisa, no qual foram definidos a natureza epistemológica da pesquisa e a técnica de coleta de dados; a seguir, na seção sobre os resultados apresentamos a análise de conteúdo das entrevistas e a formulação de categorias fundamentais e, na discussão, aproximamos as categorias fundamentais identificadas ao referencial teórico da pesquisa. Por fim, na última seção, apresentamos a análise acerca da potencialidade e/ou lacunas das ações em economia solidária para fomentar o processo de reconhecimento social e saúde mental dos indivíduos participantes.

## **2. Métodos de pesquisa**

Do ponto de vista epistemológico, a abordagem da Sociologia Econômica como uma subárea de conhecimento das Ciências Sociais promove investigações sobre a construção social, política e cultural da Economia Solidária e seu impacto sobre o desenvolvimento. Na Sociologia Econômica, conceitos como os de estrutura social, normas, convenções, reconhecimento, interação social e ainda métodos de pesquisas como as entrevistas e a observação participante são largamente utilizados pelos investigadores. Assim, a presente pesquisa é de caráter qualitativo na medida em que se orientou pela busca da subjetividade dos indivíduos participantes dos EES. Utilizou-se a técnica da entrevista uma vez em que esta permite facilitar a compreensão detalhada das crenças, sentimentos, normas, valores e atitudes dos indivíduos envolvidos na pesquisa.

Portanto, na abordagem investigativa optamos pela entrevista semiestruturada. Nesta o (a) entrevistador (a) tem uma participação ativa no momento da investigação. Apesar de observar um roteiro pré-definido, pode-se fazer perguntas adicionais a fim de esclarecer questões e melhor compreender o contexto (Colognese; Mélo, 1998). Concordamos com Flick (2004), na medida em que é mais provável que os pontos de vistas dos/as sujeitos



entrevistados/as sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário. A entrevista, entendida como um momento interacional entre entrevistador(a) e entrevistado(a) tem por finalidade a obtenção de informações e estrutura-se a partir de um roteiro, qual seja: uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e com os objetivos da pesquisa (Haguette, 1999). Foram entrevistados(as) 09 dos/as 17 feirantes da FES/Unesc, durante a Feira de Economia Solidária, no Campus Universitário da Unesc, na cidade de Criciúma/SC, no primeiro semestre de 2022. Não houve uma seleção arbitrária dos feirantes entrevistados, mas a amostra se deve ao fato de que foram estes que consentiram em participar da investigação. As entrevistas foram gravadas e posteriormente, transcritas. Após essa etapa, como um procedimento de análise inspirado na teoria de Bardin (2016), os discursos dos/as feirantes foram categorizados com o objetivo de se compreender o ponto de vista dos indivíduos. Os critérios previamente definidos que estruturaram o processo de categorização dos discursos foram: as percepções sobre a economia solidária, as relações de trabalho, os processos de reconhecimento social e os impactos para saúde mental.

A leitura e análise dos dados obtidos nas entrevistas promoveram a condensação das informações e a definição de distintas categorias. Tendo como objetivo de pesquisa analisar como a inclusão e participação dos (as) trabalhadores (as) nos empreendimentos de economia solidária e nas feiras de economia solidária impacta no processo de reconhecimento social e na saúde mental dos indivíduos envolvidos, os dados foram estruturados em três categorias distintas, que passamos a distinguir na seção abaixo.

### 3. Resultados

Em primeiro lugar a categoria “Pertencimento” surgiu em 90% das entrevistas e se refere ao espaço da Feira de Economia Solidária como um *locus* não apenas de trocas mercantis, mas criação de vínculo, interação social e troca de conhecimentos. Conforme as transcrições a seguir:

A Feira de Economia Solidária é capaz de promover mudanças pois ela agrega valores, não só em relação a parte financeira, mas também emocional. Promove estabilidade emocional, através do contato com diversas pessoas, pelo compartilhamento de conhecimentos e pela oportunidade de participar de vários projetos, o que é positivo psicologicamente, pois saímos de casa preparados para a feira sabendo que agregamos valores na parte social do ser humano, e não só pensando nas vendas. [...] Nós aprendemos muito convivendo com os feirantes e os clientes, pois a feira é um exercício diário de empatia, de integração e de compartilhamento de informações. (Entrevistada A).



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

Dentro da feira temos um vínculo, como se fossemos uma verdadeira família, isso interfere muito na minha vida particular e nas relações de trabalho, pois se torna um ambiente agradável para trabalhar. (Entrevistada B).

Sem dúvidas, prefiro esse modelo de economia solidária, quando comparado a economia convencional, e defendo-a. É uma alternativa excelente, promove mais contato com as pessoas e mais integração. (Entrevistada C).

A relação de trabalho na feira é bem saudável pois promove integração com as outras pessoas e prospecta os meus negócios, assim consigo divulgar mais o meu produto. O bom relacionamento mantido entre os feirantes e o público consumidor contribui para tornar-se um espaço de envolvimento e participação (Entrevistado D).

Uma segunda categoria formada a partir da análise de conteúdo se refere à capacidade da Economia Solidária em se apoiar nos princípios do cooperativismo e promover a inclusão social através da formalização dos empreendimentos. Definimos esta categoria como “Formalização” e se refere ao papel social e econômico das cooperativas. Conforme as transcrições a seguir:

A cooperativa nos dá oportunidade de trabalhar dentro da formalidade, fugindo da informalidade. E também, a realização de projetos que trabalham a parte social do cooperado (Entrevistada A).

A atividade com as cooperativas, a meu ver, diminui o fardo a ser carregado nessa caminhada. Ela nos auxilia no sentido de dividir esse trabalho e nos incentiva a continuar. Esse é o trabalho exercido pela cooperativa, fora da lógica do mercado, que mais nos auxilia. Um conjunto de pessoas fazendo força para um mesmo objetivo (Entrevistado B).

As cooperativas são importantes, elas juntam pessoas do mesmo interesse para poder trabalhar, produzir e consumir mais coletivamente, e isso interfere bastante no nosso dia-a-dia e no bem-estar das pessoas. Quanto mais cooperativismo, melhor a sociedade funciona. (Entrevistado E).

A categoria “Bem-estar subjetivo” foi estabelecida para aglutinar os dados relativos aos discursos sobre como os valores da Economia Solidária e as relações sociais na Feira de Economia Solidária tem impactado na saúde mental dos feirantes. Conforme as transcrições a seguir:

As relações de afetividade na feira, as amizades, os relacionamentos estabelecidos, têm dado momentos de satisfação pessoal para os membros. É como eu digo: às vezes eu vendo café, e às vezes eu faço terapia. Minha terapia ocorre na venda dos cafés, através das conversas com as pessoas, com os amigos, em que dividimos questões do cotidiano, e isso nos alivia e nos ajuda a viver, principalmente nesse momento pós pandemia, tempos delicados da nossa existência (Entrevistado B).



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

A oportunidade que temos dentro da feira de participar de atendimentos psicológicos, orientações e contato com os professores ajudam, pois, essas orientações nos geram conhecimento, o que nos ajuda em relação ao não desenvolvimento de um sentimento competitivo dentro da feira. (Entrevistado A)

Apesar das intrigas que vez ou outra aparecem, por sermos um grupo diverso, nós tentamos ao máximo relevar as situações ruins, para trabalharmos a parte social da feira e confraternizar. O sentimento de pertencimento que temos dentro da feira sem dúvidas interfere nas relações de trabalho de forma positiva (Entrevistado F). Nós, membros da feira, buscamos estabelecer uma relação harmoniosa de incentivo ao trabalho do outro, o que não vemos em demais espaços externos, em que há muita concorrência entre os trabalhadores. Aqui também realizamos trocas de produtos, conforme as necessidades, e isso é motivo de animação. As sugestões que damos ao trabalho do outro também são válidas e positivas, o que não vemos muito em um ambiente de concorrência estabelecido pelo mercado (Entrevistada G).

Assim, pode-se destacar que as categorias “Pertencimento”, “Formalização” e “Bem-estar subjetivo”, formadas a partir da análise dos discursos dos/as entrevistas refletem as intenções da investigação em curso acerca das práticas em economia solidária, a noção de reconhecimento e saúde mental. Na próxima seção, a interpretação dos resultados obtidos se dá à luz da teoria social, cuja intencionalidade é a de aproximar à economia solidária aos processos de reconhecimento com reflexos para a saúde mental.

#### **4. Discussão**

Com base nos princípios da Economia Solidária, professores(as) extensionistas, pesquisadores (as) e acadêmicos (as) da Unesc criaram, no ano de 2010, o projeto de extensão “Programa de Ações em Economia Solidária” (PAES). Com o propósito de fomentar e articular uma rede colaborativa de Empreendimentos de Economia Solidária surgiu um movimento inicial para a estruturação da Feira de Economia Solidária da Unesc. O PAES, através de docentes da instituição, além de acompanhar o desenvolvimento da Feira de Economia Solidária, sua expansão e alinhamento dos feirantes com os valores do cooperativismo, também atua na formação discente com bolsistas de extensão, iniciação científica, mestrado e doutorado. Em 2022, a Feira de Economia Solidária da Unesc contava com 17 empreendimentos, sendo 90% destes constituídos por mulheres. Os produtos comercializados através dos princípios do cooperativismo na Feira são os artesanatos locais, panificação, produtos orgânicos, doces e geleias, massas, queijos, massas, salames, cafés e arranjos de flores que são expostos no vão central do bloco da biblioteca da universidade, uma vez na semana, durante o ano letivo.

A Feira de Economia Solidária da Unesc tem se mostrado como um espaço social, para além da dimensão das trocas mercantis. A Sociologia Econômica tem se esforçado para



demonstrar que a ação econômica é socialmente contextualizada, uma vez que os indivíduos não agem de maneira autônoma. Assim, suas ações estão enraizadas em sistemas concretos e contínuos de relações sociais, ou seja, pela formação de redes sociais. A categoria “Pertencimento” identificada nas entrevistas revela que a Feira de Economia Solidária estabelece vínculos sociais e conexões subjetivas entre os feirantes e consumidores não apenas como reflexos das vendas, mas como resultado dos contatos sociais duradouros. Trata-se, portanto, do estabelecimento de redes sociais nas quais circulam informações e conhecimento e através das quais é possível estabelecer relações de confiança, amizade e pertencimento. Se, na economia convencional capitalista, o lucro e o individualismo são os valores centrais, na economia solidária, o agir relacional se estrutura em virtude da integração e dos vínculos sociais estabelecidos na Feira (durante a sua ocorrência e a longo prazo). A própria formalização do empreendimento se dá como um resultado direto da participação no movimento cooperativista retroalimentado pela existência da feira. De fato, pode-se perceber, pela análise das entrevistas que a noção de pertencimento está acompanhada pela noção de autorrealização. Nesse sentido, há uma relação direta entre os princípios da Economia Solidária, do bem-estar subjetivo e do reconhecimento social. Os conflitos interpessoais nas relações de trabalho, uma vez existentes, não são fatores de exclusão ou de desintegração, mas são superados em virtude da sustentabilidade da própria Feira de Economia Solidária a longo prazo. Um dado relevante da pesquisa demonstra que o reconhecimento intersubjetivo dos indivíduos é um reflexo direto da inclusão no movimento cooperativista e na Feira de Economia Solidária. Assim, a percepção subjetiva de pertencimento se traduz em autorrealização que contribui diretamente para a dimensão da saúde mental.

### **5. Considerações finais**

A Economia Solidária é um movimento social, econômico e político que tem como objetivo oportunizar a inclusão através da geração de trabalho e renda para parcelas da população que estão excluídas do mercado de trabalho formal. O principal objetivo deste movimento é por em prática a solidariedade e a auto-gestão no lugar da competição e da alienação que são próprias da economia convencional. Contudo, em que pese as pesquisas realizadas para a compreensão da Economia Solidária como um movimento social capaz de promover o desenvolvimento, poucos são os estudos que se propõem a investigar as



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

conexões entre economia solidária, as relações de trabalho, os processos de reconhecimento social e os impactos para saúde mental.

Na pesquisa, identificamos três categorias fundamentais a partir dos discursos enunciados nas entrevistas: Pertencimento, Formalização e Bem-estar subjetivo. Portanto, conclui-se que, a partir da experiência dos EES da Feira da Unesc, existem conexões positivas entre os processos de reconhecimento social e a saúde mental. Contudo, a autorrealização e o bem-estar subjetivo não são resultados diretos da dimensão econômica oportunizada pelas trocas mercantis durante a Feira simplesmente. Antes, como os dados demonstram, o reconhecimento social e a saúde mental são o resultado direto das relações sociais capazes de gerar o sentimento de integração e fortalecimento de vínculos sociais.

### 6. Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2016.

COLOGNESE, S. A., MÉLO, J. L. B. de. A Técnica de Entrevista na Pesquisa Social. In : **Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas. Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, PPGS/UFRGS, v. 9, 1998.

DAL MAGRO MLP, COUTINHO MC. Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em “empreendimentos solidários”. **Psicol Estud**, v.13, n.4, pp. 703-711. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a08.pdf>

FERRARI, D. Reciprocidade e trocas mercantis: a natureza das relações na feira livre. In: ESTEVAM, D. de O.; MIOR, L. C. **Inovações na agricultura familiar: as cooperativas descentralizadas em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 129-160.

FILIZOLA, C. L. A. et al. Saúde mental e economia solidária: a família na inclusão pelo trabalho. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 45, n. **Rev. esc. enferm. USP**, 2011 45(2), abr. 2011.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HAGUETTE, T. M.F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1999 (6ª ed.).

HEGEL, G. W. F. *Phenoméologie de l'Esprit I e II*. Trad. Gwendoline JARCZYK e Pierre-Jean LABARRIERE. Paris: Gallimard, 1993.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2002



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

TAYLOR, C. A política do reconhecimento in: **Argumentos Filosóficos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

OMS. World Health Organization – Constitution of the World Health Organization, 1948. Disponível em: <https://apps.who.int/gb/bd/PDF/bd47/EN/constitution-en.pdf>